

Nesta edição:

Valores da carne no varejo	1
Indicadores rurais:	
Bovinos de corte	1
Outras categorias	2
Vacinas	2
Relações de troca	2
Direto ao ponto	2
Texto Técnico	3
Análises estatísticas 2014/2	5
Profissional em foco	7
Custos insumos pecuários	8

O Boletim da Pecuária é um projeto de extensão rural desenvolvido pelo CTPEC – Centro de Tecnologia em Pecuária, que conta com professores, alunos de graduação e pós-graduação e colaboradores externos.

Coordenação Técnica:
Prof. Ricardo Pedroso Oaigen

Acadêmicos envolvidos:
Bibiana Bastos Giudice
Christina Manfio Christmann
Fabiani da Rocha Ebling
Joana Closs Engelhardt
Maria Antonyela L. Carvalho

Apoio institucional:
Associação e Sindicato Rural de Uruguiana.

Para críticas e/ou sugestões,
entre em contato:

Telefone
(55) 9693-2785

E-mail
ctpec@hotmail.com

Contamos com a sua
colaboração!

11ª Edição – Março de 2015.

INFORMAÇÃO DE QUALIDADE PARA O PRODUTOR RURAL DA FRONTEIRA OESTE DO RIO GRANDE DO SUL

O Boletim da Pecuária tem por objetivo proporcionar aos produtores rurais de Uruguiana (RS) e região um informativo mensal com dados de mercado e informações para orientá-los no suporte à toma de decisão.

INDICADORES RURAIS – BOVINOCULTURA DE CORTE

	Unidade	Preço 30 Dias (R\$)	Dólar ¹ (US\$)
Boi Gordo	Kg Vivo	4,85 – 5,08	1,69 – 1,78
	Carcaça	9,80 – 10,16	-
Terneiro	Kg Vivo	5,50 – 6,00	1,92 – 2,10
Novilho sobreano	Kg Vivo	5,10 – 5,30	1,78 – 1,85
Novilha sobreano	Kg Vivo	4,80 – 5,20	1,68 – 1,81
Vaca Gorda	Kg Vivo	4,40 – 4,75	1,54 – 1,66
	Carcaça	9,50 – 9,67	-
Vaca de Invernar	Kg Vivo	4,10 – 4,20	1,43 – 1,47

Coleta de preços realizada nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2015 diretamente com corretores e pecuaristas.

¹ Um (1) Dólar americano = R\$ 2,86 (Banco Central do Brasil em 24/02/2015).

VALORES DA CARNE NO VAREJO (R\$) - 2015

CORTES BOVINOS	Local ¹	Local ²	Local ³	Local ⁴	Local ⁵	Local ⁶	Média
Costela	14,98	11,98	12,90	14,30	11,98	12,90	13,17
Vazio	16,75	17,98	16,80	24,90	19,95	17,90	19,05
Picanha	39,98	39,99	31,50	48,90	39,90	31,90	38,70
Linguiça	17,98	12,98	13,60	15,50	15,99	14,50	15,09
Carne Moída 1ª	17,90	17,99	18,90	19,50	21,90	15,90	18,68
Carne Moída 2ª	11,90	9,98	9,98	8,80	9,98	10,90	10,26
Coxão Mole	24,90	19,98	22,90	32,50	21,90	19,95	23,69
Patinho	15,90	17,98	17,90	27,90	20,50	16,90	19,51
Coxão Duro	15,98	16,98	17,90	24,80	18,50	16,95	18,52
Alcatra	23,90	22,98	22,50	35,90	24,90	18,50	24,78
CORTES OVINOS							
Paleta	19,90	23,99	19,50	28,00	23,50	19,90	22,47
Costela	-	17,99	19,90	21,00	22,90	19,90	20,34
Quarto	-	15,90	19,90	29,50	22,85	19,90	21,61
Espinhaço	-	-	17,00	-	22,85	19,90	19,92

Coleta de preços realizada no dia 13 de fevereiro de 2015 com mercados e casas de carnes de Uruguiana.

INDICADORES RURAIS – OUTRAS CATEGORIAS

OVINOS	Unidade	Preço (R\$)	Dólar (US\$)
Cordeiro	Kg Vivo	4,50 – 4,60	1,57 – 1,61
	Carcaça	10,00	-
Ovelha	Kg Vivo	3,60 – 3,80	1,26 – 1,33
	Carcaça	8,00	-
Lã Merino	Kg	12,00	4,20
Lã Amerinada	Kg	11,00	3,85
Lã Prima A	Kg	9,50	3,32
Lã Prima B	Kg	9,00	3,15
Lã Cruza 1	Kg	8,50	2,97
Lã Cruza 2	Kg	8,00	2,80
Lã Cruza Branco	Kg	6,00	2,10
Lã Cruza Preto	Kg	4,00	1,40
BOVINOS DE LEITE			
Leite	Litro	0,90	0,31

Coleta de preços realizada nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2015 diretamente com corretores e pecuaristas.

VACINAS

	Unidade	Preço (R\$)
Brucelose	Dose	1,40
Clostridioses	Dose	0,67
Febre Aftosa	Dose	1,45
Leptospirose	Dose	0,75
Raiva (Bov/Equ)	Dose	-
IBR/BVD	Dose	-
Carbúnculo Hemático	Dose	0,58
Encefalomielite Equina, Tétano e Influenza Equina	Dose	38,50
Foot Rot	Dose	1,40
Tétano	Dose	8,10

Coleta de preços realizada nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2015. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguaiana/RS.

RELAÇÕES DE TROCA

Boi Gordo ² x Terneiro ³	2,3
Boi Gordo ² x Kg Sal Mineral (65 P)	1.353
Boi Gordo ² x ml Antibiótico (Oxitetraciclina)	8.928
Boi Gordo ² x Ton Uréia	1,6
Boi Gordo ² x Salário Mínimo Nacional	2,8
Boi Gordo ² x Kg Ração (18% PB)	1.815

² Boi de 450 Kg de Peso Vivo = R\$ 2.232,00 (R\$ 4,96/Kg);

³ Terneiro desmamado, de 7-8 meses, 170 Kg = R\$ 977,50 (R\$ 5,75/Kg);

DIRETO AO PONTO**BEM ESTAR ANIMAL NA BOVINOCULTURA DE CORTE**

Maria Antonyela Lopez Carvalho - Mestranda do PPG em Ciência Animal - UNIPAMPA/ Uruguaiana

Atualmente, aspectos como segurança alimentar, proteção ambiental e bem estar dos animais ganharam uma dimensão sem precedentes e passaram a ter um grande impacto na criação e no consumo de produtos de origem animal.

Com a intenção de atender as exigências de consumidores de produtos de origem animal, o mercado busca constantemente por adaptações que possam originar alimentos seguros e sustentáveis. Durante muito tempo pesquisas visaram unicamente o aumento da produção e produtividade, onde animais eram manipulados como seres inanimados e o foco de todas as pesquisas era adequar somente às necessidades dos sistemas de produção e não as necessidades dos animais. A realidade era que alta produtividade e bem estar animal não poderiam coexistir no mesmo ambiente.

No entanto, a obtenção de um produto com características desejáveis da qualidade é uma tarefa complexa que envolve toda a cadeia produtiva e requer atenção de cada uma das partes envolvidas. Estudos comprovam que boas práticas de manejo estão diretamente relacionadas com o ambiente onde os animais são criados, sendo que este deve possuir instalações adequadas, trabalhadores capacitados com experiência no manejo com os animais, das técnicas de condicionamento, sem o uso de violência, entre outros.

Sendo assim, faz-se necessário que sejam atendidas as exigências dos animais, sobretudo não estar exposto a medo, ansiedade, estresse, não sentir fome ou sede, livre de doenças, injúrias ou dor e de viver em ambientes adequados, com o conforto adequado.

Por fim, as boas práticas de manejo dos animais resultam em ganhos quantitativos e qualitativos da carne, satisfazendo direta e indiretamente produtores, frigoríficos e consumidores finais, pois o bem-estar está diretamente associado com as condições de qualidade de vida dos animais e tem relação direta com a qualidade da carne.



CONTROLE INTEGRADO DE PARASITOS DE OVINOS – PARTE II – REFUGIA

Tiago Gallina¹
Acadêmico Marcelo Becker²

Na ovinocultura, o uso constante de vermífugos tem sido a principal forma de controle parasitário, apesar de haverem outros métodos que colaborem com a redução dos prejuízos causados pela verminose, muito tem sido estudado e pouco tem sido validado de maneira que o produtor utilize-os com maior confiabilidade por carência de pesquisas de caráter “prático e cientificamente significativo”. Nesse contexto, restando apenas uma alternativa “os vermífugos”, alguns produtores seguem tendo prejuízos pela morbidade e mortalidade em índices alarmantes. O motivo para isso é a ineficácia dos produtos que são usados de forma indiscriminada em relação à frequência e doses. O objetivo deste artigo é abordar o problema do controle das verminoses em relação à resistência aos anti-helmínticos e descrever o papel da REFUGIA nesse contexto.

Palavras-chave: REFUGIA, controle parasitário, resistência parasitária.

Importância da manutenção da REFUGIA

Assim como nas demais partes do mundo que sejam influenciadas pelo clima tropical e subtropical, a Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul também se depara com altos índices de prejuízo pelas verminoses, especialmente as causadas pelo nematódeo *Haemonchus contortus* que é responsável por cerca de mais de 80% do parasitismo em ovinos ao longo de todo o ano, não sendo mais restrito a verão e outono como muito se havia descrito. *Haemonchus* é um nematódeo de relevante importância, por ser o mais prevalente, apresentar elevado potencial biótico e alta intensidade de infecção. Além disso, é um verme hematófago, com elevada patogenicidade, responsável por um quadro clínico severo de anemia e considerado o endoparasita que causa os maiores prejuízos econômicos para a cadeia produtiva. Para seu controle, utilizam-se principalmente vermífugos e a consequência direta do uso indiscriminado dessas drogas ao longo dos anos, com rápida alternância de grupos químicos sem orientação técnica, tem resultado no aumento dos custos de produção, desenvolvimento de resistência parasitária e aumento dos índices de mortalidade no rebanho.

Com o princípio claro de que não conseguiremos erradicar o problema verminose, então devemos criar alternativas (ou usar as existentes) que permitam ao menos reduzir os prejuízos através da conquista de um ponto de equilíbrio. Ou seja, conviver com a verminose e termos a ferramenta “vermífugo” a nossa disposição para quando necessário.

O termo “REFUGIA”, tema que estamos abordando nos mostra que devemos manter uma população genética de parasitos sensíveis a maioria dos anti-helmínticos, contrariando alguns princípios que foram descritos no passado. Estes que preconizavam trocar de princípios ativos a cada dosificação e de tratar e mover os animais para campos “limpos”, teorias que eram válidas em um período (1960-1975) que novas drogas surgiram em curtos intervalos de tempo. O que não é nossa realidade, pois desde o surgimento de lactonas macrocíclicas no início dos anos 1980, outro vermífugo veio a surgir quase 30 anos depois. E o que fizemos para preservar aquelas drogas? E o que faremos para preservar esta que temos como eficaz?

A resistência traz consigo o princípio que não é o mais forte que sobrevive e sim o que mais rápido se adapta (Charles Darwin), e para acelerar esse processo seguimos utilizando tratamentos maciços em todo rebanho e com alta frequência sem diagnóstico da eficácia das drogas e sem orientação. A consequência será o óbvio, a resistência aos anti-helmínticos como largamente publicada em textos científico e que atualmente apontou no Congresso Brasileiro de Parasitologia Veterinária (25/10/2014) o primeiro provável caso de resistência ao Monepantel em ovinos no Uruguai e que é a última droga liberada para uso também no Brasil.

A manutenção da REFUGIA, com base em tratamentos seletivos, ou seja: Alguns animais devem permanecer sem tratamento, é considerada um dos mais importantes fatores que pode retardar o desenvolvimento de resistência parasitária e manter o desempenho produtivo do rebanho, razão porque deve ser sempre considerada, independente do método de controle utilizado.

¹ Professor adjunto do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana.

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Pampa, Campus Uruguaiana.

Quadro 1: Considerações para reduzir os prejuízos com as verminoses utilizando-se da REFUGIA:

RECOMENDAÇÃO ANTERIOR	CONSEQUÊNCIA	RECOMENDAÇÃO ATUAL	BENEFÍCIO ESPERADO
Transferir o rebanho para pasto “limpo” logo após a vermifugação.	Rápido desenvolvimento de resistência parasitária.	Transferir o rebanho para pasto “limpo” e vermifugar posteriormente.	Manter a “REFUGIA”; prevenir o aparecimento da resistência.
Vermifugar todos os animais do rebanho.	Conhecimento de como se distribui a carga parasitária no rebanho.	Vermifugar apenas os animais que apresentam sintomatologia clínica de verminose.	Economia de vermífugos; identificação de animais que necessitam ser vermifugados; prevenção da resistência parasitária; manter a “REFUGIA”.
Usar apenas vermífugo para controle.	Desenvolvimento de Resistência antihelmíntica.	Associar antihelmínticos com outras medidas de manejo, visando otimizar o controle.	Evitar a resistência antihelmíntica; avançar para um possível controle sustentável.
Vermifugar todo o rebanho em épocas pré-definidas em calendário sem diagnóstico.	Desenvolvimento de Resistência antihelmíntica.	Diagnosticar e depois tratar (vermifugação individual/seletiva – FAMACHA).	Prolongar o aparecimento da resistência antihelmíntica; economia de vermífugos; manutenção da “REFUGIA”.
Manter no rebanho animais livres de vermes/altamente produtivos.	Desenvolvimento de Resistência parasitária;	Eliminar animais sensíveis. Manter animais resilientes (tolerantes)/resistentes com boa produção, dependendo da genética da raça.	Prevenir o desenvolvimento de resistência parasitária; reduzir o uso de antihelmínticos; preservar as raças nativas; manter a REFUGIA.

Fonte: Adaptado de Vieira et. al 2009.

Sendo que o que percebemos é que a única variável tem sido o produtor; se ele não quiser mudar, nada de diferente acontecerá. Então devemos pensar em REFUGIA antes da resistência. A não ser que tenha a resposta para a pergunta: Você conseguiu produzir ovinos sem usar vermífugos?

CENTRO DE TECNOLOGIA EM PECUÁRIA (CTPEC) É REALIDADE DA UNIPAMPA/URUGUAIANA



O CTPEC é um setor incluso no Curso de Medicina Veterinária da UNIPAMPA/Uruguaiana que busca uma eficiente difusão tecnológica para o setor pecuário, promovendo capacitações, cursos, palestras, dias de campos, entre outras ações de extensão, além do desenvolvimento de pesquisas aplicadas, sobretudo, na bovinocultura de corte e leite e na ovinocultura.

Maiores informações:

VENHA SER PARCEIRO DO CTPEC!

Site: www.unipampa.edu.br/ctpec
E-mail: ctpec@hotmail.com
Facebook: www.facebook.com/ctpec

ANÁLISE SEMESTRAL 2º SEM. 2014 – PREÇOS E CUSTOS NA PECUÁRIA

OBS.:

- (1) Os valores dos gráficos estão com preço base de referência no mês de julho/2014.
- (2) Os valores foram deflacionados, isto é, foi realizada uma conversão de valores correntes (valor nominal) em moeda de poder aquisitivo constante (valor real). Este valor é obtido deflacionando os valores da produção a preços correntes, por meio de um índice geral de preços (IGP).
- (3) Taxa de crescimento (*) refere-se a uma perspectiva futura da evolução dos preços e/ou custos. Mostra uma tendência de valorização ou não do indicador.

(*) É importante destacar que esta análise refere-se apenas ao 2º semestre de 2014, sendo que futuras análises com espaços temporais maiores, terão maior confiabilidade em relação às tendências de preços e custos.

COMENTÁRIOS:

Gráfico 1 – Boi Gordo

Taxa de Crescimento = 0%

Verificou-se uma queda no preço do boi gordo no período de setembro e outubro (desova de pastagens de inverno). No final do ano de 2014 o preço apresentou uma reação positiva (diminuição da oferta e alta demanda).

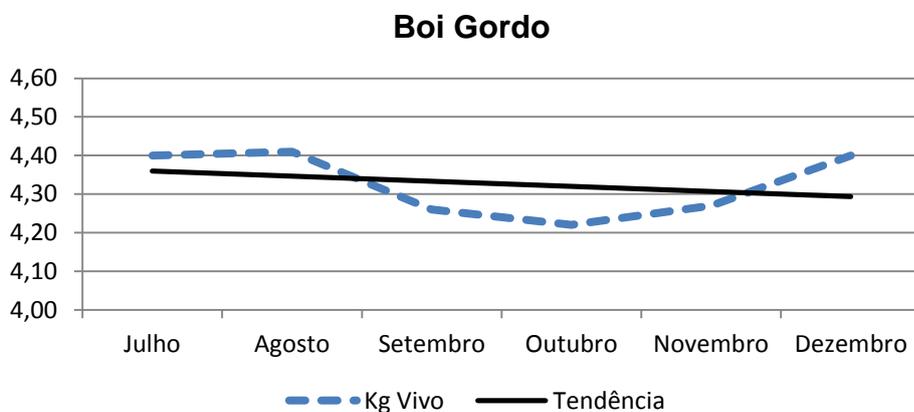
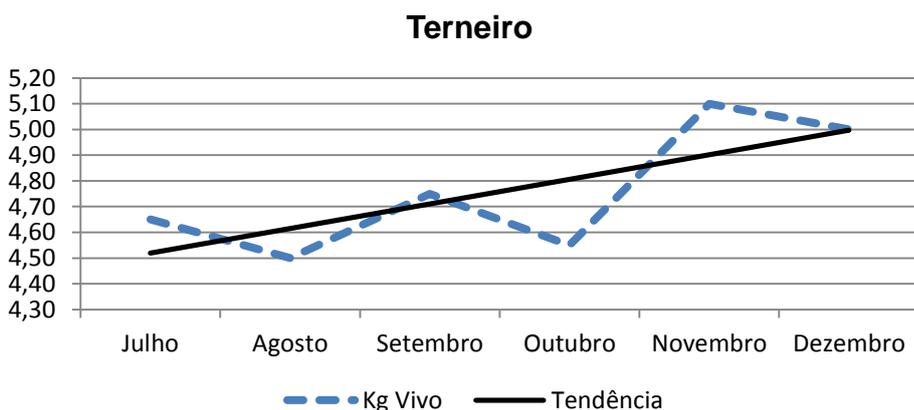


Gráfico 2 – Carneiro

Taxa de Crescimento = 7,53%

Verificou-se uma valorização do preço do carneiro no período. Destaca-se a grande valorização nos últimos meses de 2014, o que demonstra que atualmente o ciclo da bovinocultura encontra-se favorável com preços em ascensão.



Relação de troca - Boi Gordo x Terneiro

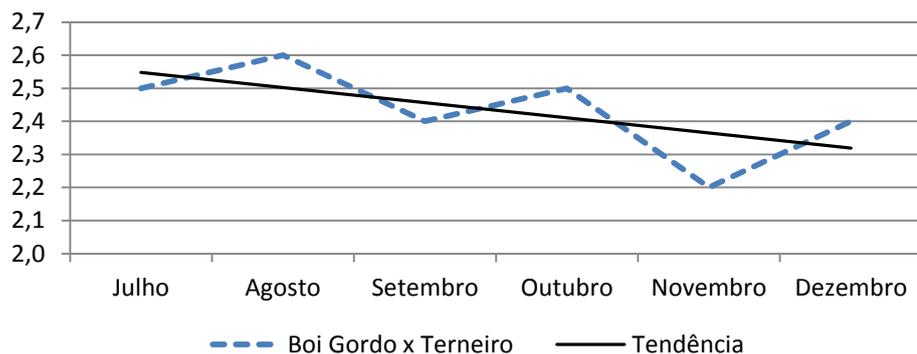


Gráfico 3 – Relação de troca Boi Gordo x Terneiro

Taxa de Crescimento = - 4%

A valorização do terneiro no decorrer do último semestre de 2014 refletiu na relação de troca, sendo evidente a diminuição do poder de compra do invernador com o aumento do preço do terneiro (vide gráficos 1 e 2).

Uréia - 45:0:0

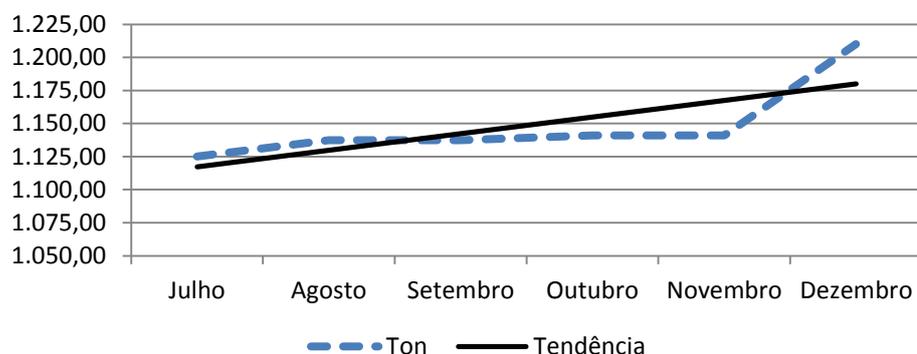


Gráfico 4 – Uréia

Taxa de Crescimento = 7,56%

Verificou-se ao longo do semestre o aumento no custo deste fertilizante para as pastagens. Esta situação se deve basicamente a maior cotação do dólar, que é um importante indicador do preço da ureia, pois se trata de uma matéria prima importada no Brasil.

Cordeiro

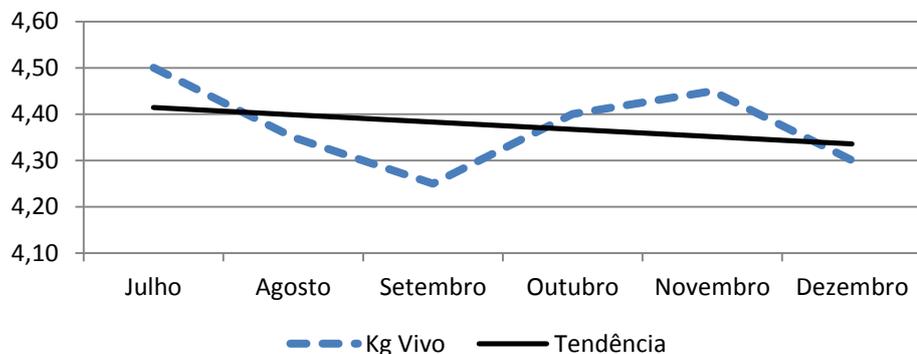


Gráfico 5 – Cordeiro

Taxa de Crescimento = - 4,44%

Verificou-se que o preço do cordeiro no período diminuiu. Em relação a taxa de crescimento se verifica uma estimativa negativa para esse indicador.

Leite

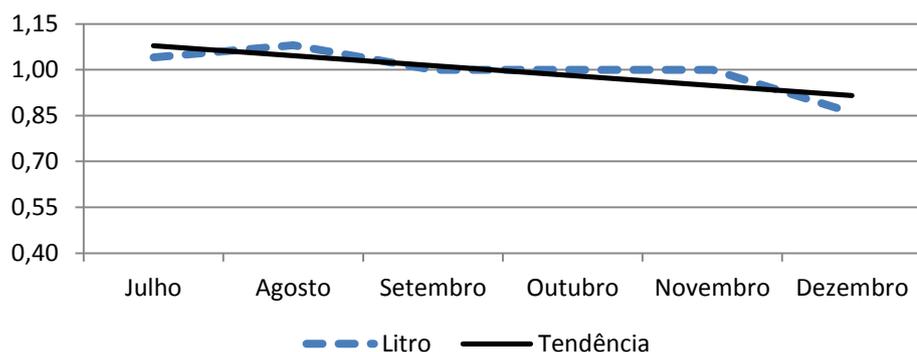


Gráfico 6 – Leite

Taxa de Crescimento = - 17,31%

Com relação ao preço do litro do leite, houve uma desvalorização no período e a tendência é que se mantenha nos próximos meses.

Esta situação é consequência de uma maior oferta, que acarretou em queda no preço do leite pago ao produtor, aliado a uma forte crise que a cadeia produtiva do leite passa atualmente.

PROFISSIONAL EM FOCO

Nesta edição conversamos com a Sra. Celina Gladys Albornoz Maciel, Administradora de empresas na Estância Bela Vista, localizada em Santana do Livramento.

A Estância Bela Vista trabalha com bovinocultura de corte, criando as raças Braford e Polled Hereford e com ovinocultura, criando Corriedale. Ainda, a propriedade desenvolve atividades agrícolas – sorgo, pastagens anuais e perenes.

BP: Quando e como começou a criação de bovinos e ovinos na sua propriedade?

Sra. Celina: Iniciou há mais de 80 anos, com meu avô Thomas Albornoz e hoje sou a terceira geração dando continuidade a essas atividades.

BP: Conte um pouco de sua trajetória como pecuarista. Por que escolheu trabalhar com pecuária?

Sra. Celina: Logo após ter me formado em Administração de empresas optei por vir trabalhar na nossa empresa rural por gostar muito da atividade pecuária. Iniciei na atividade juntamente com meu pai, Roberto Maciel, onde adquirei

conhecimentos práticos da rotina de uma propriedade rural. Acabei me direcionando dentro da nossa empresa para a parte de produção de genética, que já era uma atividade existente na Estância Bela Vista. Ao longo dos anos segui investindo na produção de reprodutores Polled Hereford e Braford e, hoje, tenho a satisfação de possuir um criatório reconhecido dessas raças.

BP: Em sua opinião, quais são os principais desafios/dificuldades enfrentadas no setor?

Sra. Celina: Em minha opinião uma das maiores dificuldade dentro da nossa atividade é a carência de mão-de-obra qualificada, pois esse é um fator limitante na introdução de novas tecnologias. Por isso a importância do investimento em capacitação da nossa mão-de-obra e a profissionalização do nosso setor, buscando com isso maior eficiência na nossa atividade como um todo.

**BP: Em sua opinião, quais são as principais vantagens/pontos fortes do setor?**

Sra. Celina: Falando especificamente sobre o Rio Grande do Sul, considero que um dos pontos fortes que possuímos é o foco de uma pecuária cada vez mais de qualidade e como consequência a agregação de valores aos nossos produtos. Possuímos vários programas de carne de qualidade e isso é um grande diferencial na carne produzida aqui no Rio Grande do Sul.

BP: Qual a inovação que você considera mais importante nos últimos anos para a atividade?

Sra. Celina: Considero uma das maiores inovações dentro do setor pecuário a introdução da irrigação de pastagens, através de pivôs centrais. Sem dúvida esta prática trará grandes avanços para o nosso setor em termos de aumento de produtividade por hectare.

BP: Como você avalia a integração entre os pecuaristas na sua região?

Sra. Celina: Acredito que essa integração avançou muito nos últimos anos, através da inserção das novas gerações com uma mentalidade inovadora e com participação efetiva nos Sindicatos Rurais, Associações de Raça e Núcleos Regionais.

BP: Como você avalia o apoio do governo ao setor primário nas diferentes esferas (municipal/estadual/federal)?

Sra. Celina: Teríamos que ter um apoio maior dos governantes em função da importância do nosso setor na economia como um todo. Apoio através de uma maior atenção as nossas estradas para escoamento da produção. Também no nosso município na grande maioria das propriedades rurais não temos acesso à telefonia e internet, o que impossibilita muitas vezes a permanência do produtor rural na propriedade. Um dos avanços nos últimos anos para o nosso setor foi a ampliação do crédito subsidiado, com acesso dos produtores a linhas de investimentos com prazos longos, isso valorizou nossos produtos e na nossa atividade.

Produto	Unidade	Preço (R\$)
Sal Mineral – 40 P	Kg	1,33
Sal Mineral – 65 P	Kg	1,65
Sal Mineral – 80 P	Kg	1,98
Sal Proteinado – 35 PB	Kg	1,75
Sal Proteinado – 45 PB	Kg	1,65
Adubo NPK – 8:20:20	Ton	1.370,56
Adubo NPK – 5:20:20	Ton	1.312,36
Adubo MAP	Ton	1.766,00
Adubo DAP	Ton	1.749,10
Dessecante	Litro	17,00
Uréia – 45:0:0	Ton	1.354,14
Brincos de Identificação – Bovinos	Unidade	1,13
Brincos de Identificação - Ovinos	Unidade	0,90
Ração Desmame de terneiros – 18% PB	Kg	1,23
Ração Manutenção – 12% PB	Kg	0,90
Ração Terminação – 14% PB	Kg	0,95
Ração Equinos	Kg	1,17
Antibiótico – Oxitetraciclina	ml	0,25
Vermífugo Albendazole 15% (injetável)	ml	0,11
Vermífugo Albendazole (Oral)	ml	0,04
Vermífugo Doramectina (injetável)	ml	0,29
Closantel	ml	0,07
Óleo Diesel	Litro	2,37
Oxifendazole	ml	0,05
Levamisole (Injetável)	ml	0,07
Levamisole (Oral)	ml	0,03
Diclofenaco sódico	ml	0,39
Benzilpenicilinas (Pencivet)	ml	0,57
Antidiarréico	ml	0,50
Soro Glicosado	500 ml	7,50
Soro antitetânico	Dose	8,40
Mata-Bicheira Spray Prata 500 ml – Ectoparasitário	Frasco	17,75
Mata-Bicheira Líquido - Ectoparasitário	Frasco	5,75
Capim Sudão BRS	Kg	-
Fidagran	Ton	499,10
Calcário	Ton	110,00
Isolador (Cerca Elétrica) – Tipo E	Unidade	0,75
Arame Liso	Metro	0,25

Coleta de preços realizada nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2015. Média dos preços de estabelecimentos comerciais localizados no município de Uruguaiana – RS.



Representante

Presence
nutrição animal

RUA SANTANA, 3472
FONE 34021710 / 99901710
viacampo@hotmail.com

Impressão:

GRÁFICA
UNIVERSITÁRIA